

“(...) Ela mora no mar  
 Ela brinca na areia  
 no balanço das ondas (...)”<sup>1</sup>  
 “(...) foi Beira-Mar, foi Beira-Mar que chamou (...)”<sup>2</sup>

## O DIREITO É TORTO

*“Our reason is petty and it is always at odds with our body. This, of course, is only a way of talking, but the triumph of a man of knowledge is that he has joined the two together. Since you’re not a man of knowledge, your body does things now that your reason cannot comprehend (...) We are a feeling and that what we call our body is a cluster of luminous fibers that have awareness (...) We’re perceivers (...)”*. Don Juan<sup>3</sup>

### a) Olhos de Tirésias:

“O essencial é saber ver,  
 (...) Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida),  
 Isso exige um estudo profundo,  
 Uma aprendizagem de desaprender (...).” Alberto Caeiro<sup>4</sup>

Uma antiga definição, difusa. Atribuem-na a Aristóteles, o explicador que não explica a dor. ‘Conhecer é ter formas alheias enquanto alheias’. Um assenhoramento, portanto, uma tomada de posse, *un vol.* Um ato de rapina que começa e passa (e fica, esse o condicionamento herdado) pela fria visão<sup>5</sup>, o menos sensual dos sentidos (“uma bofetada muda”, dizia Nelson, “não ofenderia ninguém”)<sup>6</sup>. Ver o mundo, então, é ter o mundo. Mas “como ver sem ouvir”,<sup>7</sup> sem cheirar, sem tocar, sem sentir? “*There is much more (to see) than what meets the eye*”.<sup>8</sup> E há muito mais saber que o conhecimento desconhece. *Reason is petty*. “Há uma vontade maior: aquela de ver antes da visão”,<sup>9</sup> de ver pela primeira vez,<sup>10</sup> com o corpo todo, e a alma nua. E para ver fundo, para ver inteiro, além da visão, e descobrir beleza, é preciso olhos de Tirésias.<sup>11</sup> A Justiça é cega, “o amor é cego, Ray Charles é cego, Stevie Wonder é cego (...).”<sup>12</sup> *Let the eyes be free.*

<sup>1</sup>- Vicente, Dionel, Veloso, in “A Lenda das Sereias, Rainhas do Mar”, 1976.

<sup>2</sup> - Romildo Bastos, Toninho Nascimento, in “Conto de areia”, 1974.

<sup>3</sup> - Castaneda, Carlos, in “Tales of power”, NY, Pocket books, 1976, pp. 84, 93 e 98.

<sup>4</sup> - Pessoa, Fernando in “Alberto Caeiro”, SP, Companhia das Letras, 2001, p. 60.

<sup>5</sup> “(...) καὶ μάλιστα τωνάλλων ἡ δια τωνομάτων (...).” (Aristóteles, in Metafísica, Livro I).

<sup>6</sup> “Ora, um tapa não é apenas um tapa: - é, na verdade, o mais transcendente, o mais importante de todos os atos humanos. Mais importante que o suicídio, que o homicídio, que tudo o mais. A partir do momento em que alguém dá ou apanha na cara, inclui, implica e arrasta os outros à mesma humilhação. Todos nós ficamos atrelados ao tapa. Acresce o seguinte: - o som! E, de fato, de todos os sons terrenos, o único que não admite dúvida, equívocos ou sofismas é o da bofetada. Sim, amigos: - uma bofetada silenciosa, uma bofetada muda, não ofenderia ninguém, e pelo contrário: - vítima e agressor cairiam um nos braços do outro, na mais profunda e inefável cordialidade. É o estalo medonho que a valoriza, que a dramatiza, que a torna irresistível” (Rodrigues, Nelson, in “Brasil em campo”, RJ, Nova Fronteira, 2012, p. 29).

<sup>7</sup> - Bachelard, Gaston, in “A poética do espaço”, SP, Martins Fontes, 2008, p. 184.

<sup>8</sup> - Castaneda, Carlos, in “Tales of power”, NY, Pocket books, 1976, p. 274.

<sup>9</sup> - Bachelard, Gaston, in “A terra e os devaneios da vontade”, SP, Martins Fontes, 2008, p. 147.

<sup>10</sup> - “O êxtase do primeiro olhar, o qual de súbito

A alma penetra e que tesouro algum iguala” (Goethe, J. Wolfgang, in “Fausto”, RJ, Villa Rica, 1991, p. 385).

<sup>11</sup> Circe a Odisseu: “(...) mas é preciso que empreendas, primeiro, outra viagem e que entres a casa lúgubre de Hades e da pavorosa Perséfone, para que possas consulta fazer ao tebano Tirésias, cego adivinho, cuja alma os sentidos mantém ainda intactos. A ele, somente, Perséfone deu conservar o intelecto mesmo depois de ser morto; as mais almas esvoaçam quais sombras” (Homero, in “Odisséia”, RJ, Ediouro, 2001, p. 186, vv. 490/495).

<sup>12</sup>- Veloso, Caetano, in “O estrangeiro”, 1988.

## b) Luz do sol:<sup>13</sup>

“E vou parir  
Sobre a cidade  
Quando a noite contrair  
E quando o sol dilatar  
Dar à luz”. Arnaldo Antunes e Marina Lima<sup>14</sup>

Viver é ver a luz do sol. Na fórmula do *vates*,<sup>15</sup> o prenúncio da civilização: o sol como olho do universo, a luz como claridade/clareza apolínea. O essencial, disse o poeta, é saber ver. Mas os olhos brilharam.<sup>16</sup> E ver virou alumbramento, deslumbre (*vanitas vanitatis*)<sup>17</sup>. Nasceu, então, a culpa, junto com a vergonha, coberta com folha de parreira. “Os corpos”, depois daí,<sup>18</sup> “se entendem mas as almas não”<sup>19</sup>. E o ver já não vê. E não ver é não ser. E, se não se vê, não se crê. A luz foi aprisionada, passou a ser *lumen rationis*. O pensamento foi estropiado, reprimido. Perdeu corpo. Converteu-se em *ratio*, explicação causal. Tornou-se *speculatio*, ofício e inflação dos olhos. O mundo, então, foi fatiado e reduzido com o olhar (“pensar é decompor”).<sup>20</sup> Tudo, agora, é direto e reto, frígido e eunuco. “Mas tudo o que é reto mente”, diz o anão a Zaratustra. “Toda verdade é torta, o próprio tempo é um círculo”<sup>21</sup>. A verdade é feminina, cheia de mistérios. A mandala da vida é uma espiral. A realidade é de viéis, de soslaio, de esguelha. Mas tudo, agora, é ciência. E as ciências são linhas retas, paralelas, graves e tristes, ao lado de outras linhas retas, paralelas, graves e tristes, que não fazem curvas, não sabem sorrir, nem dar gargalhadas, não dão saltos, nem cambalhotas, nem piruetas, mas seguem em frente, firmes, altivas, orgulhosas, na ilusão cartesiana/positivista/racionalista de ordem e progresso.<sup>22</sup> São, por excelência, sistemas de conceitos. Mas, aí de nós, “conceitos negligenciam o detalhe”,<sup>23</sup> asfixiando a percepção. E é no

<sup>13</sup>“(...)Marcha o homem  
Sobre o chão  
Leva no coração  
Uma ferida acesa  
Dono do sim e do não  
Diante da visão  
Da infinita beleza...  
Finda por ferir com a mão  
Essa delicadeza  
A coisa mais querida  
A glória, da vida (...)” (Caetano Veloso, in “Luz do Sol”, 1984).

<sup>14</sup>- Arnaldo Antunes, Marina Lima, in “Grávida”, 1991.

<sup>15</sup> “(...) chegado é o momento. A luz do Sol já baixou para o ocaso; ficar não devemos por muito tempo na festa dos deuses, mas irmo-nos logo (...) Caio de bruços na areia da praia, a chorar, sem vontade nem de com vida ficar, nem de os raios do Sol ver ainda (...) Se és uma deusa, de fato, e de um deus as palavras ouviste, vamos, então me revela o destino infeliz daquele outro, se ainda com vida se encontra e as delícias da luz ainda exerga (...) Caio de bruços por cima do leito, a chorar, sem vontade nem de com vida ficar, nem de ver outra vez o Sol claro (...) Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso, por que motivo, infeliz, a luz clara do Sol desprezaste e vieste aqui ver os mortos e a triste região em que habitam?” (Homero, in “Odisséia”, RJ, Ediouro, 2001, p. 65, vv. 334/336, p. 87, v. 539 e 540, p. 95, vv., 831/834, p. 186, vv. 497/498, p. 192, vv. 92/94).

<sup>16</sup> - Genesis, 3, 7.

<sup>17</sup> - Eclesiastes, 1, 2.

<sup>18</sup> - Bandeira, Manuel, in “Estrela da tarde”, SP, Global, 2012, p. 101.

<sup>19</sup>“Ninguém entende, por exemplo, ainda,

Quando é, do corpo e da alma, a união tão linda,  
Formando um só como que eternamente,  
Que só existam em discordia permanente” (Goethe, J. Wolfgang, in “Fausto”, RJ, Villa Rica, 1991, p. 279).

<sup>20</sup> - Pessoa, Fernando, in “Livro do Desassossego”, SP, Companhia das Letras, 2006, p. 200.

<sup>21</sup> - Nietzsche, Friedrich, in “Assim falou Zaratustra”, RJ, Civilização brasileira, 1998, p. 193.

<sup>22</sup>“Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,

Que traçam linhas de causa a causa (...)” (Pessoa, Fernando, in “Alberto Caeiro”, SP, Companhia das Letras, 2001, p. 83).

<sup>23</sup> - Bachelard, Gaston, in “A terra e os devaneios da vontade”, SP, Martins Fontes, 2008, p. 2006.

detalhe – de um cheiro, de um som, de um segredo, de um toque, de uma carícia –, que acontece o milagre da compreensão. Mas a razão não fede nem cheira. Nem substitui sonhos. “*Our mistake*”, dizia Don Juan,<sup>24</sup> “*is to believe that the only perception worthy of acknowledgement is what goes through our reason. Sorcerers believe that reason is only one center that shouldn't be taken so much for granted*”. A luz reside no coração, envolta em sombras. E “*le coeur a ses raisons, que la raison ne connaît point (...) c'est le coeur qui sent Dieu*”.<sup>25</sup> O coração anima um corpo com múltiplas possibilidades<sup>26</sup> de vida. O coração dá sentido. “*Does the path have a heart?*”, inquire *el brujo*.<sup>27</sup> “*If it does, the path is good*”. O erro reside em excluir o corpo, relegando-o ao esquecimento. O erro está em pensar que o pensamento com o corpo é um erro do pensamento. O erro, enfim, consiste em conceber a luz como pureza. A consciência é uma conquista do *self*. Uma concessão da treva.<sup>28</sup> O facho de vida é claro e escuro. Há caminhos grávidos de dia e de noite. E a noite dá à luz o dia. “Quanto mais profunda é a água, mais claro é o espelho. A luz vem dos abismos”.<sup>29</sup>

### c) “Trevas são luz não manifestada”:<sup>30</sup>

“É noite: falam mais alto, agora, todas as fontes borbulhantes. E também a minha alma é uma fonte borbulhante. É noite: somente agora despertam todos os cantos dos que amam. E também a minha alma é o canto de alguém que ama. Há qualquer coisa insaciada, insaciável, em mim; e quer erguer a voz. Um anseio de amor, há em mim, que fala a própria linguagem do amor. Eu sou luz; ah, fosse eu noite! Mas esta é a minha solidão: que estou circundado de luz. Ah, fosse eu escuro e noturno! Como desejaria sugar os seios da luz!” Nietzsche<sup>31</sup>

O sol não é o olho do universo. Ele também pertence à amplidão do azul, suspenso, solto, em órbita, em meio ao desconhecido. Na verdade, “todo universo é treva. Inalcançável vastidão escura dentro da qual os sóis, as explosões de gás e luz são exceções”<sup>32</sup> E toda luz contém uma madrugada, traz um crepúsculo. Toda luz tem sua hora da coruja, seu sorriso de lagarto. “*Trop de lumière éblouit*”<sup>33</sup> Nós mesmos “nascemos escuro”<sup>34</sup> e “no escuro prosseguimos”<sup>35</sup> “A noite nunca

<sup>24</sup> - Castaneda, Carlos, in “*Tales of power*”, NY, Pocket Books, 1976, p. 255.

<sup>25</sup> - Pascal, Blaise, in “*Pensées*”, Paris, Bordas, 1984, 277 e 278, p. 102.

<sup>26</sup> - (...) tão perto estão, nessa altura, os caminhos do dia e da noite” (Homero, in “*Odisséia*”, RJ, Ediouro, 2001, p. 174, v. 86).

<sup>27</sup> - “*The devil's weed is only one of a million paths. Anything is one of a million paths [un camino entre cantidades de caminos]. Therefore you must always keep in mind that a path is only a path; if you feel you should not follow it, you must not stay with it under any conditions. To have such clarity you must lead a disciplined life. Only then will you know that any path is only a path, and there is no afront, to oneself or to others, in dropping it if that is what tells you to do. But your decision to keep on the path or to leave it must be free of fear or ambition. I warn you. Look at every path closely and deliberately. Try it as many times as you think necessary. This question is one that only a very old man asks. My benefactor told me about it once when I was young, and my blood was too vigorous for me to understand it. Now I do understand it. I will tell you what it is: does this path have a heart? All paths are the same: they lead nowhere. They are paths going through the bush, or into the bush. In my own life I could say I have traversed long, long paths, but I am not anywhere. My benefactor's question has meaning now. Does this path have a heart? If it does, the path is good: if it doesn't, it is of no use. Both paths lead nowhere; but one has a heart, the other doesn't. One makes for a joyful journey; as long as you follow it, you are one with it. The other will make you curse your life. One makes you strong; the other weakens you*” (Castaneda, Carlos, in “*The teachings of Don Juan: a Yaqui way of knowledge*”, NY, Pocket Books, 1975, pp. 106 e 107).

<sup>28</sup> - “Antes de me organizar, tenho que me desorganizar internamente (...) eu mesma estou na obscuridade criadora (...)” (Lispector, Clarice, in “*Água viva*”, RJ, Rocco, 1998, pp. 33 e 62); “Bem sei que estou no escuro e eu me alimento com a própria e vital escuridão. Minha escuridão é uma larva que tem dentro de si talvez a borboleta?” (Lispector, Clarice, in “*Um sopro de vida – pulsações*”, RJ, Rocco, 1999, pp. 35 e 36).

<sup>29</sup> - Bachelard, Gaston, in “*A poética do devaneio*”, SP, Martins Fontes, 2009, p. 189.

<sup>30</sup> - Eliade, Mircea, in “*Mefistófeles e o Andrógino*”, SP, Martins Fontes, 1991, p. 91.

<sup>31</sup> - Nietzsche, Friedrich, in “*Assim falou Zaratustra*”, RJ, Civilização brasileira, 1998, p. 135.

<sup>32</sup> - Gullar, Ferreira, in “*Em alguma parte alguma*”, RJ, José Olympio, 2012, p. 81.

<sup>33</sup> - Pascal, Blaise, in “*Pensées*”, Paris, Bordas, 1984, 72, p. 48.

tem fim (por que a gente é assim?)”.<sup>36</sup> As certezas são entarameladas, perpassadas de hesitações. A fé é pouca. Mas são as dúvidas que estimulam a atividade. O erro é produtivo.<sup>37</sup> “Se não cometeres erros”, diz Mefistófeles ao Humunculus, “não obterás a compreensão”, e “se queres ser, sé por tua própria mão”.<sup>38</sup> Esse o caminho intransferível da individuação, esse o preço da liberdade: a marcha é o combate, um combate claro-escuro, lusco-fusco. E, no homem, “tudo é caminho (...) e todo caminho aconselha uma ascensão. O dinamismo positivo da verticalidade é tão nítido que se pode enunciar este aforismo: quem não sobe, cai”.<sup>39</sup> E, quando há breu, na luta pelas alturas, é o corpo que conduz. É a noturna consciência da inconsciência do corpo que alumia, com todos os seus sentidos. “Eu vos digo”, assim falou Zaratustra:<sup>40</sup> “é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: há ainda caos dentro de vós. Ai de nós! Aproxima-se o tempo em que o homem não dará mais à luz nenhuma estrela”.

#### d) O corpo sabe:

“Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas; mas, quando ia, bobamente, ele me olhou – os olhos dele não deixaram. Diadorim, sério, testalto. Tive um gelo. Só os olhos negavam. Vi – ele mesmo não percebeu nada. Mas, nem eu; eu tinha percebido? (...) A gente só sabe bem aquilo que não entende (...) Eu tinha recordação do cheiro dele. Mesmo no escuro, assim, eu tinha aquele fino das feições, que eu não podia divulgar, mas lembava, referido, na fantasia da idéia (...) e eu tinha de gostar tramadamente assim, de Diadorim, e calar qualquer palavra (...). Riobaldo<sup>41</sup>

O corpo ... o corpo é o mais difícil ... Fracasso da filosofia, elixir da poesia. Sino que tange volúpias, matilha de anelos enrodilhados num redemoinho de sentimentos. O corpo é louco?<sup>42</sup> Cavaleiro andante,<sup>43</sup> amante, errante, debelando quimeras, desbaratando moinhos (de vento! ah! de vento!), conquistando castelos (de areia! meu Deus! de areia!), atravessando desertos (de fumaça! de fumaça!) ... porto inseguro à deriva no mar, pescador que parte sem garantia de voltar. O corpo é uma despedida. Mas o corpo, o corpo é pouco? Espasmo da matéria, processo incoercível, físico, vital, transcendental. O corpo é o Nagual:<sup>44</sup> entranha o cosmos nas fibras, nas tripas, nas vísceras.<sup>45</sup>

<sup>34</sup> - Drummond, Carlos, in “A rosa do povo”, SP, Companhia das Letras, 2012, p. 20.

<sup>35</sup> - Drummond, Carlos, in “Claro enigma”, SP, Companhia das Letras, 2012, p. 55.

<sup>36</sup> - Cazuza-Frejat, in “Por que a gente é assim?”, 1983.

<sup>37</sup> “Que vontade de fazer uma coisa errada. O erro é apaixonante. Vou pecar. Vou confessar uma coisa; às vezes, só por brincadeira, minto. Não sou nada do que vocês pensam. Mas respeito a veracidade: sou pura de pecados (...) Quem sabe – quem sabe se o que é certo está exatamente no erro? (...) A minha sombra é o avesso do ‘certo’, a minha sombra é o meu erro – e esta sombra erro me pertence, só eu a posso em mim, eu sou a única pessoa no mundo que calhou ser eu (...)” (Lispector, Clarice, in “Um sopro de vida - pulsações”, RJ, Rocco, 1999, pp. 65 e 87).

<sup>38</sup> - Goethe, J. Wolfgang, in “Fausto”, RJ, Villa Rica, 1991, p. 310.

<sup>39</sup> - Bachelard, Gaston, in “O ar e os sonhos”, SP, Martins Fontes, 2001, p. 11.

<sup>40</sup> - Nietzsche, Friedrich, in “Assim falou Zaratustra”, RJ, Civilização brasileira, 1998, p. 41.

<sup>41</sup> - Guimarães Rosa, João, in “Grande Sertão: Veredas”, RJ, Nova Fronteira, Edição comemorativa, pp. 165, 356, e 525.

<sup>42</sup> Camisa de força? Ou de Vênus?

<sup>43</sup> “Deves saber, amigo Sancho – respondeu Dom Quixote –, que a vida dos cavaleiros andantes está sujeita a mil perigos e desventuras, assim como, nem mais nem menos, estão eles a pique de serem reis e imperadores, como o demonstrou a experiência em muitos e diversos cavaleiros, de cujas histórias tenho cabais informações (...)” (Cervantes, Miguel, in “Dom Quixote de la Mancha”, RJ, Ediouro, 2002, v. I, p. 236).

<sup>44</sup> “The Tonal is where all the unified organization exist. A being pops into the Tonal once the force of life has bound all the needed feelings together. I said to you once that the Tonal begins at birth and ends at death. I said that because I know that as soon as the force of life leaves the body all those single awarenesses disintegrate and go back again to where they came from, the Nagual. What

E sonha todos os devaneios da terra, da água, do fogo e do ar.<sup>46</sup> “O sonho na boca, o incêndio na cama”.<sup>47</sup> O corpo corre todos os riscos. É de corpo inteiro: se mostra, se expõe, se entrega. Quer tudo, “como um furacão: boca, nuca, mão, e a mente não”.<sup>48</sup> Mas tudo é ainda muito pouco. Um *continuum* descontínuo, o inconcluso. O corpo é uma espera: o corpo espera o corpo. Mas, afinal, o corpo é mouco? É rouco? O corpo pulsa. Os hormônios circulam no sangue sem que a razão os determine. As unhas crescem afiadas à revelia da vontade. E o coração bate e apanha sem querer. O corpo fala e ouve com todos os sentidos.<sup>49</sup> Ele corre, pula, dança, transpira. O corpo penetra, vai ao interior do corpo, sente o calor, vê lá dentro,<sup>50</sup> vê estrelas, dilata-se em zênites. E não esquece. O corpo tem a memória ancestral da pele, a memória milenar do cheiro, da temperatura. O corpo, o corpo sabe:<sup>51</sup> sabe a suor, sabe a tangerina, sabe “a dor de ser homem”,<sup>52</sup> que o explicador não explica. E o corpo paga a conta, carpe as penas. O corpo chora. O drama de Riobaldo, o drama do conhecimento: o corpo sabia, desde o primeiro dia, mas a razão desdizia. Louco? Pouco? Mouco? Douto? José Souto ou Couto? Corpo tem nome? E sobrenome? O corpo ... ah! O corpo é o mais difícil, porque ele pede uma alma inteira, ao preço do coração. E “lutar contra o coração”, dizia Heráclito,<sup>53</sup> “se paga com vida”. E “a gente não foge da vida, é que não adianta fugir. Nem adianta endoidar”.<sup>54</sup> O corpo segue, então. O corpo continua. O corpo marcha (“José, para onde?”)<sup>55</sup>. Filamentos de energia condensada, o corpo acaba? O corpo é o derrotado invencível, eternamente, glorioso e sagrado. O corpo é a ressureição da vida. As formas se completam, as matérias, nunca.<sup>56</sup>

---

*a warrior does in journeying into the unknown is very much like dying, except that his cluster of single feelings do not disintegrate but expand a bit without losing their togetherness. At death, however, they sink deeply and move independently as if they had never been a unit (...) Order in our perception is the exclusive realm of the Tonal; only there can our actions have a sequence; only there are they like stairways where one can count the steps. There is nothing of that sort in the Nagual. Therefore, the view of the Tonal is a tool, and as such it is not only the best tool but the only one we've got (...) But it's useless to talk about it. Whatever I may say doesn't make sense, because during those moments we were in Nagual's time. The affairs of the Nagual can be witnessed only with the body, not the reason (...) No. There's no explanation' (...) The Nagual is only for witnessing”* (Castaneda, Carlos, in “Tales of power”, NY, 1976, pp. 157, 172, 273 e 273).

<sup>45</sup> “O ferro que corre pelas veias do corpo, o fósforo e o cálcio que fortalecem os ossos e os nervos, os 18% de carbono e os 65% de oxigênio mostram que somos verdadeiramente cósmicos” (Boff, Leonardo, in “Saber Cuidar Ética do Humano – Compaixão pela Terra”, Petrópolis, Vozes, 2000, p. 142).

<sup>46</sup> “Que outra liberdade psicológica possuímos, afora a liberdade de sonhar? Psicologicamente falando, é no devaneio que somos seres livres” (Bachelard, Gaston, in “A poética do devaneio”, SP, Martins Fontes, 2009, p. 95).

<sup>47</sup> - Gullar, Ferreira, in “Dentro da noite veloz”, RJ, José Olympio, 2009, p. 86.

<sup>48</sup> - Cazuza-Frejat, in “Todo amor que houver nessa vida”, 1981.

<sup>49</sup> “Escutai-me, antes, a mim, meus irmãos, escutai a voz do corpo sô; é uma voz mais honesta e mais pura” (Nietzsche, Friedrich, in “Assim falou Zaratustra”, RJ, Civilização brasileira, 1998, p. 59).

<sup>50</sup> “Essa necessidade de penetrar, de ir ao interior dos seres, é uma sedução da intuição do calor íntimo. Lá onde o olhar não chega (...) o calor se insinua” (Bachelard, Gaston, in “A psicanálise do fogo”, SP, Martins Fontes, p. 1994).

<sup>51</sup> “O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor (...) há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria. E por que o teu corpo, então, precisaria logo da tua melhor sabedoria?” (Nietzsche, Friedrich, in “Assim falou Zaratustra”, RJ, Civilização brasileira, 1998, p. 60).

<sup>52</sup> - Bandeira, Manuel, in “Estrela da tarde”, SP, Global, 2012, p. 101.

<sup>53</sup> - Heráclito, in “Os pensadores originários”, Petrópolis, Vozes, 1999, p. 81.

<sup>54</sup> - Gullar, Ferreira, in “Na vertigem do dia”, RJ, José Olympio, 2004, p. 64.

<sup>55</sup> - Drummond, Carlos, in “José”, SP, Companhia das Letras, 2012, p. 39.

<sup>56</sup> “Mais misteriosa do que a alma é a matéria. Mais enigmática que o pensamento, é a coisa (...) A coisa é a materialização da aérea energia” (Lispector, Clarice, in “Um sopro de vida – pulsações”, RJ, Rocco, 1999, p. 104).

e) Coro: ‘Homem, qual o teu bordão?’:

“(...) Todos te buscam, facho  
de vida, escuro e claro,  
que é mais que a água na grama,  
que o banho no mar, que o beijo  
na boca, mais  
que a paixão na cama.  
Todos te buscam e só alguns te acham. Alguns  
te acham e te perdem.  
Outros te acham e não te reconhecem  
e há os que se perdem por te achar,  
ó desatino  
ó verdade, ó fome  
de vida!” Ferreira Gullar<sup>57</sup>

, folha ao vento, travessia no tempo, presença crispada de ausência, argila, lágrima, carência, a falta, a fome, a faina, a filha, e a saudade, a saudade, a saudade – da placenta, do jardim (da infância, das delícias, da casa), do absoluto –, um fio estendido, um sonho remido, um grito, um vagido, entre o relativo e o divino,<sup>58</sup> entre a vontade e o Destino,<sup>59</sup> “uma aflição que repousa num corpo”,<sup>60</sup> com a “alma cativa (...) numa espiral de desejos (...) infinita, infinitamente (...)”,<sup>61</sup> no seu bolero de Ravel através das eras. Nem tudo é logo, nem tudo é λόγος. “Um poema não nasce antes da hora (de sete meses, de sete séculos)”.<sup>62</sup> E, homem, não és cálculo,<sup>63</sup> mas necessidade de calor partilhado. “Este o (...) destino: amor sem conta”.<sup>64</sup> “Todo amor que houver nessa vida (...) e algum remédio que dê alegria (...)”.<sup>65</sup> “É tudo certo e prescrito, em nebuloso estatuto. O homem, chamar-lhe mito, não passa de anacoluto”.<sup>66</sup> Vida é chama de estar vivo. E, “vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só fazer outras maiores perguntas (...) Viver ... O senhor já sabe: viver é etcétera ...”<sup>67</sup> “(...) deixa a palavra aos eternos (...)”.<sup>68</sup>

<sup>57</sup> - Gullar, Ferreira, in "Dentro da noite veloz", RJ, Jose Olympio, 2009, p. 40.

<sup>584</sup>“Entre as criaturas, que vivem da terra e no solo rastejam, nada se pode encontrar de mais mísero que os próprios homens, pois ninguém julga possível, jamais, que lhe venha a desgraça, enquanto os deuses favores concedem e as pernas lhes movem. Mas, quando os deuses beatos as tristes desgraças enviam, ainda que muito lhes custe, com ar de paciente as suportam (...)” (Homero, *in “Odisséia”*, RJ, Ediouro, 2001, p. 309, vv. 130/135).

<sup>59</sup> "Minha tolhinha, por que, desse modo, aflijes tua alma? Homem nenhum poderá, contra o Fado, mandar-me para o Hades, pois quero crer que a ninguém é possível fugir ao destino, desde que nasça, seja ele um guerreiro de prol ou sem préstimo" (Homero, *in Ilíada*, RJ, Ediouro, 2002, p. 177).

<sup>60</sup> - Gullar, Ferreira, in “Em alguma parte alguma”, RJ, Jose Olympio, 2012, p. 75.

<sup>61</sup> - Drummond, Carlos, in "Sentimento do mundo", RJ, Record, 2007, p. 49.

<sup>62</sup> - Gullar, Ferreira, in "Barulhos", RJ, Jose Olympio, 2006, p. 82.

<sup>63</sup>“Pode você calcular quantas toneladas de luz

comporta  
um simples roçar de mãos?  
ou o doce penetrar  
na mulher amorosa? (Gullar, Ferreira, in “Barulhos”, RJ, Jose Olympio, 2006, p. 42)

<sup>64</sup> “Este o nosso destino: amor sem conta,  
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,  
doação ilimitada a uma completa ingratidão,  
e na concha vazia do amor a procura medrosa,  
paciente de mais e mais amor” (Drummond, Carlos, in “Claro Enigma”, SP, Companhia das Letras, 2012, p. 43).

<sup>65</sup> - Cazuza-Freijat, in "Todo amor que houve nessa vida", 1981.

<sup>66</sup> Drummond, Carlos, in "As impurezas do branco", SP: Companhia das Letras, 2012, p. 30.

<sup>67</sup> - Guimarães Rosa, João in "Grande Sertão: Veredas" RJ, Nova Fronteira, Edição comemorativa, 2000, p. 10.

<sup>10</sup> Guimaraes Rosa, Joao, in *Grande Sertao: Veredas*, RJ, Nova Fronteira, Edição comemorativa, pp. 84 e 378.

f) O mito:

“(...) *The minute you let her under your skin  
Then you begin to make it better (...)*”  
Paul Mc Cartney, John Lennon<sup>69</sup>

O pensamento, como morada privilegiada do ser, tem um destino mais amplo, largo e originário do que aquele que lhe impôs o fechamento do *cogito*. “Ao lado da linguagem conceitual”, pondera Cassirer,<sup>70</sup> “existe uma linguagem emocional; ao lado da linguagem lógica, a linguagem da imaginação poética. Originariamente, a linguagem não exprime pensamentos ou idéias, mas sentimentos e impressões”. Pois “o que chamamos ‘sentimentos’ não é”, dizia Heidegger,<sup>71</sup> “um fenômeno secundário de nosso comportamento pensante e volitivo, nem um simples impulso causador dele (... )” (sentimentos é o que temos e levamos). Nas culturas ditas tradicionais, refere Chevalier,<sup>72</sup> o “pensamento não exclui os valores afetivos”, tendo no coração a sede de toda sabedoria. Originalmente, aliás, segundo Pessoa,<sup>73</sup> “o pensamento deve ser emoção”. Em Caeiro,<sup>74</sup> pensar é antes de mais nada sentir com a totalidade de um ser que pensa também “com os olhos e com os ouvidos e com as mãos e os pés e com o nariz e a boca”. Ao lado, então, da dimensão apreensiva do pensar, no sentido de apropriação, de *tomar-algo-para-si*, de assenhorrar-se, coexiste com ela, e mesmo preexiste a ela, a dimensão solícita do pensar (de solicitude), que incorpora, em seu modo de operar, uma atitude de cuidado<sup>75</sup> e desvelo.<sup>76</sup> Ao lado, pois, do pensamento que transforma o mundo pelo domínio da técnica, coexiste com ele, e mesmo preexiste a ele, o pensamento que se abre para a comunhão com o mundo pelo impulso do coração; um pensamento que, em vez de querer *trazer-para-si*, quer *ir-ter-com*, quer *ser-com*, quer *sentir-junto*<sup>77</sup> o sagrado entrelaçamento de um co-pertencimento. *Intuere* (de *intus* + *iri*, ir lá dentro), ver ser cortes, sem intermediários, é o que anima a lógica desse pensamento. Um pensamento que, de acordo com Jung, “ouve sem ouvir, vê sem ver, sabe sem saber”.<sup>78</sup> Nesse sentido, observa Heidegger,<sup>79</sup> “desde sempre o conhecimento intuitivo foi considerado como o modo válido de pensar o real. Ele ‘se dá’ como comportamento da alma, da consciência”. E é no registro da intuição de afetos, da comunicação magmática com o mundo, que o *μῆθος* se insere, como linguagem que traduz a vivência de fenômenos profundos (pois *μῆθος* é, antes de tudo, segundo Vernant,<sup>80</sup> “*quelque chose*

<sup>68</sup> - Homero, in “Odisséia”, RJ, Ediouro, 2001, p. 373, v. 289.

<sup>69</sup> - Paul Mc Cartney, John Lennon, in “Hey Jude”, 1968.

<sup>70</sup> - Cassirer, Ernst, in “*Essai sur l’homme*”, Paris, Minuit, 1991, p. 44.

<sup>71</sup> - Heidegger, Martin, in “Que é Metafísica”, col. Os Pensadores, SP, Nova Cultural, 1996, p. 56.

<sup>72</sup> - J. Chevalier e A. Gheerbrant, in “Dicionário de Símbolos”, RJ, José Olympio, 1999, p. 281.

<sup>73</sup> - Pessoa, Fernando, in “Ficções do Interlúdio/2-3”, RJ, Nova Fronteira, 1983, p. 69.

<sup>74</sup> - Pessoa, Fernando, in “Ficções do Interlúdio”, SP, Cia das Letras, 1999, p. 221.

<sup>75</sup> “Cuidado das coisas implica ter intimidade, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, dar-lhes sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele. A razão do mito abre caminho para a razão cordial, o *esprit de finesse*, o espírito de delicadeza, o sentimento profundo. A centralidade não é mais ocupada pelo logos razão, mas pelo *pathos* sentimento” (Boff, Leonardo, in “Saber Cuidar - Ética do Humano-Compaixão pela Terra”, Petrópolis, Vozes, 2000, p. 96).

<sup>76</sup> “Cuidado significa desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Estamos diante de uma atitude fundamental, de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude” (Boff, Leonardo, in “Saber Cuidar-Compaixão pela Terra”, Petrópolis, Vozes, 2000, p. 91).

<sup>77</sup> “Não há objeto sem sujeito e sujeito sem objeto. Há a unidade sagrada da realidade que, como num jogo, sempre inclui a todos como participantes e jamais como meros espectadores” (Boff, Leonardo, in “Saber Cuidar - Ética do Humano - Compaixão pela Terra”, Petrópolis, Vozes, 2000, p. 23).

<sup>78</sup> - Jung, Carl-Gustav, in “*Essai d’exploration de l’Inconscient*”, Paris, R. Laffont, 1964, p. 180.

<sup>79</sup> - Heidegger, Martin, in “Ser e Tempo”, Petrópolis, Vozes, 2000, I, p. 268.

<sup>80</sup> - Vernant, Jean-Paul, in “*Il était une fois ... la Grèce*”, Maganize Littéraire n° 383, Janvier, 2000, p. 99.

*de vivant*", ele conta a história de uma criação, de um começo), indescritíveis pela razão analítica (impotente para traduzir as cores e o odor<sup>81</sup> da realidade).<sup>82</sup> Constitui assim uma forma autônoma de pensamento, diferente da razão, enquanto *ratio*, mas legítima, que funciona no domínio da inteligência emocional, distinta da inteligência funcional.<sup>83</sup> E "longe de constituir a superstição de épocas distantes e atrasadas", como verbera Plastino,<sup>84</sup> "os mitos veiculam conhecimentos produzidos pela humanidade por uma via alheia à razão conceitual. Eles exprimem a compreensão ancestral de nossas paixões. Projeção do inconsciente, no dizer de Freud, os mitos não oferecem um conhecimento comparável ao científico, pois que se inscrevem em outros registros e são produzidos por outros caminhos. Todavia, não é um conhecimento inferior. Ele não está superado, como pensa às vezes a ingênua arrogância iluminista, mas recalcado pela ciência". A razão pensa com os olhos da visão. Mas "o mais profundo pensamento é um coração batendo".<sup>85</sup> O corpo tem uma história. O mito conta essa história, com todas as suas curvas. Mito é pensamento do corpo em busca de alma. Um pensamento amoroso, torto, libidinoso, *under the skin*, que não toma, nem invade, mas que se deixa levar. A hermenêutica do mito é a hermenêutica da ambiguidade, da contradição, cabe tudo nela, nada fica de fora. Mas mito, no ocidente, virou sinônimo de mentira.

### g) Juntura na fratura: Direito é, originariamente, *μῦθος*:

"Sem o mito, porém, toda cultura perde sua força natural sadia e criadora: só um horizonte cercado de mitos encerra em unidade todo um movimento cultural. Todas as forças da fantasia (...) são salvas de seu vaguear ao leu somente pelo mito (...) e nem sequer o Estado conhece uma lei não escrita mais poderosa do que o fundamento mítico (...)" Nietzsche<sup>86</sup>

O homem vive (de) (suas) imagens. Imagens sem tempo, sentimentos anteriores à memória, sensações antes da pele, fomes que precedem ao desejo. "A imaginação", com efeito, "antecede a realidade".<sup>87</sup> "Mais que a razão", ela "é a força de unidade da alma".<sup>88</sup> Imagens são realidades psíquicas. E, no plano anímico, "o fato imaginado é mais importante que o fato real".<sup>89</sup> Os verdadeiros interesses, os interesses poderosos são os interesses químéricos, os interesses sonhados, e não os interesses calculados.<sup>90</sup> "Não é o conhecimento do real que nos faz amar apaixonadamente o real. É o sentimento que constitui o valor fundamental e primeiro".<sup>91</sup> A imaginação, enfim, é o

<sup>81</sup> "Nós, com palavras e gestos de nossos dedos nos apropriamos aos poucos do mundo, talvez de sua parte mais fraca. (Mas) quem com um dedo aponta um odor? ... agora somos provocados a carregar juntos fragmentos e pedaços como se fossem o todo" (Rilke, Rainer Maria, *in* "Sonetos a Orfeu e Elegias de Duíno", Petrópolis, Vozes, 2000, p. 51).

<sup>82</sup> "Vale mais a pena ver uma coisa pela primeira vez que conhecê-la, porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez, e nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar" (Pessoa, Fernando, *in* "Ficções do Interlúdio", SP, Cia das Letras, 1999, p.239).

<sup>83</sup> "A inteligência funcional informa sobre objetos; é utilitária, calculadora e instrumental; é a arma da ciência e da técnica, imprescindível ao funcionamento da vida no seu dia-a-dia. A inteligência emocional utiliza imagens, símbolos, parábolas, contos e mitos para evocar sentimentos profundos, expressar o que dá sentido e valor ao ser humano" (Boff, Leonardo, *in* "Saber Cuidar-Ética do Humano-Compaixão pela Terra", Petrópolis, Vozes, 2000, p. 57).

<sup>84</sup> - Plastino, Carlos Alberto, *in* 'Contratualismo e Modernidade', Cadernos de Teoria Política Moderna, RJ, PUC, 1996, p. 5.

<sup>85</sup> - Lispector, Clarice, *in* "Água viva", RJ, Rocco, 1998, p. 42.

<sup>86</sup> - Nietzsche, Friedrich, *in* "O nascimento da tragédia", SP, Cia das Letras, 2006, p. 135.

<sup>87</sup> - Lispector, Clarice, *in* "Um sopro de vida", Rocco, 1999, p. 76.

<sup>88</sup> - Bachelard, Gaston, *in* "O ar e os sonhos", SP, Martins Fontes, 2001, p. 153.

<sup>89</sup> - Bachelard, Gaston, *in* "A água e os sonhos", SP, Martins Fontes, 2002, p. 184.

<sup>90</sup> "A verdade está com a imaginação dos locutores. E repito: - a imaginação está sempre muito mais próxima das essências. Ao passo que o videotape é uma espécie de lambe-lambe do Passeio Público, que retira das pessoas toda a sua grandeza humana e esvazia os fatos de todo o seu patético" (Rodrigues, Nelson, *in* "Brasil em campo", RJ, Nova Fronteira, 2012, p. 35).

<sup>91</sup> - Bachelard, Gaston, *in* "A água e os sonhos", SP, Martins Fontes, 2002, p. 119.

próprio motor do dinamismo psíquico,<sup>92</sup> ela ativa operações no espírito, dá movimento ao corpo, coloca o ser inteiro em marcha, em obra, em atividade. Direito, como *lex* na tábua, é *λόγος*, evidentemente, é razão dogmática, estabilização de padrões, em prol de segurança, previsibilidades e *certitudo*. Mas, originariamente, o Direito, o sentimento do *ius*, a centelha do *iustum*, também é uma saudade. Saudade da origem, da fonte escondida,<sup>93</sup> do infinito.<sup>94</sup> Direito é lembrança do que se perdeu, do que se rompeu, do que se partiu, do que não foi, do que já não é mais, do que ficou para trás. Saudade de proporção, de equilíbrio na balança do ser, depois que os olhos brilharam, e o corpo já não entende mais a alma. Saudade de juntura, numa nova conjuntura, depois da fratura. Saudade, afinal, de ser inteiro, já que “é impossível ser feliz sozinho”.<sup>95</sup> Como *Eρως*, Justiça é filha da pobreza (*Πενία*): é uma carência, uma privação, uma penúria, algo que se aguça e que se experimenta quando não se tem, e porque já não se tem mais. Como *Eρως*, Justiça é, ao mesmo tempo, expediente, via de acesso, possibilidade de passagem, travessia. É, pois, também filha da riqueza (*Πόρος*). Justiça, então, é um dar passagem, um franquear acesso, um abrir caminhos. Como *Eρως*, enfim, Justiça é um paradoxo: é um dar e comunicar o que não se tem, ou o que não se tem mais, mas que se tem que ter para dar.<sup>96</sup> É aspiração a gerar no Belo.<sup>97</sup> Direito, então, é um mistério, “o mistério do princípio e do fim da sociabilidade humana”.<sup>98</sup> Ele está no homem como o homem está no mundo, na cidade, no ofício, na casa, na cama. É um modo de ser dessa presença crivada de ausência, ocasional, transitória, sequiosa de prolongamento. Uma maneira de existir dessa incompletude fugaz, perecível, periclitante, ambulante, loquaz, concomitante, caleidoscópica, que aspira por fusão e combustão. Direito é partilha da falta (Oswaldo, meu amigo!), da fome (“*auri sacra fames!*”)<sup>99</sup>, da faina (“*operarius dignus est mercede sua*”),<sup>100</sup> da filha (que Vale mais que toda riqueza). É gestão da carência, da negação (de cuidado!). Um mito mudo, emudecido, que dorme submerso entre as linhas retas da ciência, perdido no emaranhado das teias de aranha da razão. Ele conta a história de um eterno novo começo, circunstante, cíclico, provisório, até que sobrevenha outro começo, que é sempre tempo de recomeçar, “viver e contar. Certas histórias não se perderam”.<sup>101</sup> É mito que porta a lembrança do abrir-se para a abertura do aberto, e de nele permanecer pelo outro.<sup>102</sup> É, pois, um ato de entrega, um mergulho no paroxismo da existência. Afinal, “se eu esperar compreender para aceitar as coisas – nunca o ato de entrega se fará. Tenho que dar o mergulho de uma só vez, mergulho que abrange a compreensão e sobretudo a incompreensão. E quem sou eu para ousar pensar? Devo é entregar-me. Como se faz? Sei porém

<sup>92</sup> - Bachelard, Gaston, in “O ar e os sonhos”, SP, Martins Fontes, 2001, p. 61.

<sup>93</sup> “A fonte é um nascimento irresistível, um nascimento contínuo. Imagens tão grandiosas marcam para sempre o inconsciente que as ama (...) o rio, malgrado seus mil rostos, recebe um destino único: sua fonte tem a responsabilidade e o mérito de todo o curso. A força vem da fonte” (Gaston, Bachelard, in “A água e os sonhos”, SP, Martins Fontes, 2002, pp. 15 e 158).

<sup>94</sup> “Dize-me qual é o teu infinito e eu saberei o sentido do teu universo; é o infinito do mar ou do céu, é o infinito da terra profunda ou da fogueira?” no reino da imaginação, o infinito é a região em que a imaginação se afirma como imaginação pura, em que ela está livre e só, vencida e vitoriosa, orgulhosa e trêmula. Então as imagens irrompem e se perdem, elevam-se e aniquilam-se em sua própria altura. Então se impõe o realismo da irrealidade” (Bachelard, Gaston, in “O ar e os sonhos”, SP, Martins Fontes, 2001, p. 6).

<sup>95</sup> - Tom Jobim, in “Wave (vou te contar)”, 1977.

<sup>96</sup> “Porque quem ama nunca sabe o que ama, Nem sabe por que ama, nem o que é amar (... )” (Pessoa, Fernando, in “Poemas completos de Alberto Caieiro”, SP, Companhia Editora Nacional, 2007, p. 21).

<sup>97</sup> - Platão, in “Banquete”, 206 B.

<sup>98</sup> - Ferraz, Tercio Sampaio, in “Introdução ao estudo do direito – técnica, decisão, dominação”, SP, Atlas, 1994, p. 21.

<sup>99</sup> “*Quid non mortalia pectora cogis, auri sacra fames*” (Vergílio, in “Eneida”, Milano, Newton, 1994, Libro III, vv. 56 e 57, p. 118).

<sup>100</sup> - Timóteo, Vulgata, 1, 5, 18.

<sup>101</sup> - Drummond, Carlos, in “A rosa do povo”, SP, Companhia das letras, 2012, p. 24.

<sup>102</sup> “Achegou-se dele um dos escribas que os ouvira discutir e indagou dele: ‘Qual é o primeiro de todos os mandamentos?’ Jesus respondeu-lhe: ‘O primeiro de todos os mandamentos é este: amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito, e de todas as suas forças. Eis aqui o segundo: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Outro mandamento maior não existe’ (in ‘Evangelho segundo Marcos’, III, 28-31, Bíblia Sagrada, SP, Ave-Maria, 1998, p. 1.338).

que só andando é que se sabe andar e – milagre – se anda”.<sup>103</sup> O Estado é o novo ídolo. Mas o Estado, sem mito, são sete vezes setenta desertos áridos, uma máquina burocrática, “o mais frio de todos os monstros frios”.<sup>104</sup> E o Direito, sem mito, é uma técnica fria de domesticação social, de condução da boiada, uma alma penada, um espectro sem pulsão, à espera de um corpo. É pouco. Coração quer muito mais. Coração quer colher “a flor translúcida do sentimento e a rosa escarlate da paixão”.<sup>105</sup> Direito, enfim, não é “um sistema emanado da razão”, cerebral, sedentário, como definiu Kant.<sup>106</sup> Direito, na essência, é paixão. A imparcialidade casta, objetiva e límpida não existe. *C'est une mensonge.* “O imparcial absoluto”, diz Nelson, “seria um ser tão extraordinário que teria de viver amarrado num pé de mesa, e bebendo água numa cuia de queijo Palmyra. Ou amarrado num pé de mesa ou fazendo exibições num picadeiro. Imaginem o ‘imparcial’ equilibrando laranjas no focinho como uma foca amestrada, ou engolindo ou cuspindo labaredas. Por outro lado, mesmo que possível, a ‘imparcialidade’ seria indesejável. Para alcançar a isenção ideal, o sujeito teria que ter por dentro algodão, em vez de entradas vivas. A afetividade é obrigatoria no ser humano (...). Sem um mínimo de paixão, não se consegue chupar nem um Chicabon”.<sup>107</sup> O magistrado, quando sentencia, não encarna, de modo algum, essa figura impoluta, extraterrena e quimérica do imparcial.<sup>108</sup> Ele não é a *tabula rasa* imaginada pelo racionalismo. É que nenhum magistrado abre um processo, ou liga uma tela de computador, enfim, nenhum magistrado entra no círculo hermenêutico sem ter vivido antes, isto é, sem ter uma compreensão prévia do que lhe rodeia, do que está sobre a mesa. Os condicionamentos sociais, históricos e arquetípicos determinam o pensamento. Toda pergunta, então, na prática, já traz, intuitivamente, um germe de resposta, ainda que não haja respostas, ou ainda que não haja uma resposta apenas, e nunca há. Não me procurarias, dizia Santo Agostinho, se já não tivesses me encontrado.<sup>109</sup> Esse é o apanágio da vida, o primado da pergunta sobre o da resposta.<sup>110</sup> De modo que, quando o magistrado profere uma decisão – porque, por ofício, lhe cabe resolver o conflito –, assim o faz, fundamentalmente, guiado por sua visão de mundo, louvado, as mais das vezes, nas suas mini-certezas, nos seus erros. “Mais que nossos conceitos, são nossos preconceitos que perfazem nosso ser”.<sup>111</sup> O limite está na prova dos autos, nas

<sup>103</sup> - Lispector, Clarice, in “Água viva”, RJ, Rocco, 1998, p. 62.

<sup>104</sup> - Nietzsche, Friedrich, in “Assim falou Zaratustra”, RJ, Civilização brasileira, 1998, p. 75.

<sup>105</sup> - Rodrigues, Nelson, in “Brasil em campo”, RJ, Nova Fronteira, 2012, p. 53.

<sup>106</sup> “À doutrina do Direito, como primeira parte da doutrina dos costumes, o que é pedido é um sistema emanado da razão, aquilo que se poderia chamar de metafísica do Direito” (Kant, Immanuel, in *A Metafísica dos Costumes*. 1<sup>a</sup> Ed., Gulbekian: Lisboa, p. 5).

<sup>107</sup> - Rodrigues, Nelson, in “Brasil em campo”, RJ, Nova Fronteira, 2012, p. 127.

<sup>108</sup> “Amigos, eu não sou imparcial e digo mais: - acho que o imparcial só merece a nossa gargalhada. ‘Como assim’, perguntará o leitor em sua espessa ingenuidade. Vejamos. o imparcial é cômico por vários motivos. Primeiro, porque não existe e, apesar disso, faz uma série de coisas: - namora, casa, tem filhos etc, etc. Segundo, porque o ser humano pode ter todos os defeitos, e os tem, menos o da imparcialidade” (Rodrigues, Nelson, in “Brasil em campo”, RJ, Nova Fronteira, 2012, p. 151).

<sup>109</sup> - Santo Agostinho, in “Confissões”, Vozes, Petrópolis, 2002, p. 96.

<sup>110</sup> “Se quisermos apreender um enunciado em sua verdade, não podemos levar em conta apenas o conteúdo que ele apresenta. Todo enunciado tem uma motivação. Todo enunciado tem pressupostos que ele não enuncia. Somente quem pensa também esses pressupostos pode dimensionar realmente a verdade de um enunciado. Ora, afirmo que última forma lógica dessa motivação de todo enunciado é a pergunta. Não é o juízo mas a pergunta que tem o primado na lógica, como já o testemunhavam historicamente o diálogo platônico e a origem dialética da lógica grega. O primado da pergunta frente ao enunciado significa que o enunciado é essencialmente resposta (...) Assim, não pode haver compreensão de um enunciado, se essa não se pautar na compreensão da pergunta a que o enunciado responde” (Gadamer, Hans-Georg, in “Verdade e Método II”, Petrópolis, Vozes, 2007, p. 67).

<sup>111</sup> “(...) Isso é uma formulação provocativa, uma vez que busca restituir o direito ao conceito positivo do preconceito que o Iluminismo francês e inglês expulsou do uso da linguagem. Pode-se mostrar que originalmente o conceito de preconceito ultrapassa o sentido que lhe damos à primeira vista. Os preconceitos não são necessariamente injustificados e errôneos, de modo a distorcer a verdade. Na realidade, o fato de os preconceitos, no sentido literal da palavra, constituem a orientação prévia de toda a capacidade de experiência é constitutivo da historicidade da nossa existência. São antecipações de nossa abertura para o mundo, que se tornam condições para que possamos experimentar qualquer coisa, para que aquilo que nos vem ao encontro possa nos dizer algo. De certo, isso não significa que estejamos cercados por um muro de preconceitos, e que somente permitiríamos o acesso a quem mostrasse seu

coisas mesmas, como elas se mostram. O que não é dado ao magistrado, de modo algum, é evadir-se do dever de justificar o *decisum*, isto é, de revelar e submeter, clara e objetivamente, à crítica das partes, do Judiciário e da própria sociedade, os seus pré-conceitos. A imparcialidade, que deve haver, é na condução do procedimento. Ela diz respeito a oportunidades de defesa. Afinal, decidir já é tomar parte. O processo, então, é um mecanismo institucionalizado, que deve ser amplo e aberto, de controle de juízos preconcebidos. Mais do que de conhecimento, processo é de auto-conhecimento, palco para expor e lavar pré-conceitos, e caminhar no ingente esforço de conscientização dentro do lento despertar da necessidade de tolerância e prudência. “A experiência perfeita não é perfeição do saber, mas abertura para uma nova experiência”.<sup>112</sup> Processo é picadeiro de loucuras. Mas isso fica para depois. O Direito não é só do dia, é também da noite. Não é só razão, é também coração, e boca e pés e mãos. É preciso restitui-lo ao seu psiquismo primitivo. “As leis não bastam”<sup>113</sup> “E a gente se ilude dizendo já não há mais coração”<sup>114</sup>

#### h) A dinâmica da contorção: o Direito é torto:

“Princípio e fim se reúnem na circunferência do círculo”. Heráclito<sup>115</sup>

As linhas são tortas, e as vias, e algaravias, no circuito oval do infinito. “Todo o universo se encerra em curvas”.<sup>116</sup> O mundo é redondo ao redor do ser redondo. A Lua cheia de São Jorge - Lua soberana, Lua do meu coração - é redonda. A Távola é redonda. O ciclo da existência é redondo. E a natureza é uma exímia acrobata, dá saltos e faz piruetas todos os dias, irrompe, quebra a cadeia (geológica, genética), funda o novo. A dinâmica da contorção é uma lei cósmica. Por causa dela, o mar deságua em ondas, entumece, míngua; a chama flameja, crepita, dança; a terra entra em convulsão, treme, rasga, “abre fendas, cobre vales, revolta as águas dos rios”;<sup>117</sup> o ar explode furacões, estala insâncias, arma tempestades, desembesta redemoinhos. Tudo é torto: tortos os labirintos dos intestinos dentro da barriga; tortas as ondulações do cérebro dentro da cabeça; mais do que tortas as palpitações do coração dentro do peito. Tortas, ainda, são as cadeias de DNA. Tortas, as pernas de Garrincha. Tortas, as ruas de Istambul. Torto, o tesouro do baú. Torto, o azul. Torto, o sul. Torto, o paul. Divinamente torto sou eu e tu(l). Torto é tudo. Delvecchio ensinava, no entanto, que ‘o Direito é o contrário do torto’. Mas nem *rectum*, nem *directum*. O Direito, também ele, é mais do que torto, é tortíssimo. Torto na sua edição, torto na sua discussão, torto na sua tramitação, e torto na sua aplicação. Porque torto é o homem. Sobretudo “nas substâncias animais (...) a linha curva é a dominante”.<sup>118</sup> Os passos do pensamento não são rígidos, militares, ao modo do 1,2,1,2, ou ao modo do ‘ou isto ou aquilo’, ou do ‘se lavo, não cozinho’ (...). O pensamento não é um silogismo perfeito, uma abstração lógica, que separa e corta, recriando um mundo de Alice. “Pensar reúne tudo”, dizia Heráclito.<sup>119</sup> É tudo junto, ao mesmo tempo, embrulhado, ambíguo. Há

---

passaporte, contendo a seguinte inscrição: aqui não se diz nada de novo. Ao contrário, é bem-vindo o hóspede que promete nos trazer algo novo para nossa curiosidade (...).” (Gadamer, Hans-Georg, in “Verdade e Método II”, Petrópolis, Vozes, 2007, p. 261).

<sup>112</sup> - Gadamer, Hans-Georg, in “Verdade e Método II”, Petrópolis, Vozes, 2007, p. 315.

<sup>113</sup> - Drummond, Carlos, in “A rosa do povo”, SP, Companhia das letras, 2012, p. 23.

<sup>114</sup> - Alceu Valença, in “Coração bobo”, 1980.

<sup>115</sup> “ζυνόν αρχή και πέρας επί κύκλου περιφερειας” (in “Os pensadores originários”, Petrópolis, Vozes, 1999, p. 87).

<sup>116</sup> - Bachelard, Gaston, in “A poética do espaço” SP, Martins Fontes, 2008, p. 16580.

<sup>117</sup> - Djavan, in “Faltando um pedaço”, 1981.

<sup>118</sup> - Bachelard, Gaston, in “A terra e os devaneios da vontade”, SP, Malheiros, 2008, p. 23.

<sup>119</sup> “ζυνόνεστι πασιτόφρονέειν” (in “Os pensadores originários”, Petrópolis, Vozes, 1999, p. 89).

muitas perspectivas, há muitas possibilidades. A contradição, então, é o apanágio, o que singulariza o ser pulsante. “As linhas se curvam e nos desfazem” e “reencontram a afetividade de nosso contrassenso”.<sup>120</sup> A contradição, de fato, “para o inconsciente, é mais do que uma tolerância: é uma necessidade. É pela contradição que se chega mais facilmente à originalidade, e a originalidade é uma das pretensões dominantes do inconsciente”.<sup>121</sup> A contradição, enfim, é a contorção do pensamento. E o Direito a conhece muito bem, diariamente, desde sempre, e mesmo quarenta minutos antes de Eva ter comido a maçã. Como o *μῦθος*, que é o pensamento da complexidade, o Direito é histórico, vive de variantes acerca dessa fratura primordial. E muitas estruturas míticas revelam-se correntes na *praxis* da fenomenologia jurídica, dentre elas, sobressaem as chamadas normas de princípio. Como o *μῦθος*, princípios são de formação subterrânea, difusa, inconsciente, que irrompem na consciência quando ativados em determinada situação. Como o *μῦθος*, princípios não são excludentes, mas includentes, contraditórios, disputando entre si, *no-paradoxo-de-uma-harmonia-conflitiva* (a *complexio oppositorum*) a primazia do jurídico em determinada hipótese. Como o *μῦθος*, princípios são *normas-grávidas-de-afetos*, normas de profundezas, que portam valores, apontam para valias, revelam algo valioso, pois “valor é uma possibilidade através da qual a energia pode chegar a desenvolver-se”.<sup>122</sup> Como *μῦθος*, princípios remetem para a origem:<sup>123</sup> não são o começo da indagação jurígena, remetem para o *começo-do-começo*, porque “o princípio é não gerado”, dizia Platão<sup>124</sup>, é espontâneo. Não prescrevem ao modo do tudo ou nada, temperam o rigor da *lex*; não se prendem a uma hipótese específica, promovem a ultrapassagem para a intensidade da vida; não fecham possibilidades, abrem para a originariedade do fenômeno jurídico e conduzem ao mistério da clareira do Direito (*ius*). São condensações de uma experiência lingüística mais radical, fios condutores para o mais alto, *a higher law*. E justamente por apontar para o *começo-do-começo*, princípio “é o que na história essencial vem por último (...) uma vez que não se acha atrás, no passado, mas é dado previamente ao que há de vir, o princípio (*Anfänglich*) se faz sempre novo e de modo novo e próprio, como um presente para uma época”.<sup>125</sup> Não por acaso, foram rejeitados e desprezados pelo positivismo, que os relegou a normas quaternárias, só invocáveis em *ultima ratio*, na ausência de *lex*, analogia ou costume (*LICC, art. 4º*). Hoje a pedra então desprezada por preço vil tornou-se a pedra angular do sistema, fundado na “hegemonia axiológica dos princípios”<sup>126</sup>. Para Jean Boulanger, “os princípios haurem parte de sua majestade no mistério que os envolve,”<sup>127</sup> justamente porque não deixam captar-se na totalidade, nem esgotarem-se enquanto reserva deônica, e portal para novas valorações. São normas que encontram na fenomenologia do processo, em meio ao calor do caso, a condição necessária para a desocultação do *iustum*. Pois “a gênese do fogo”, disse Mestre Eckhart, “só se dá através do conflito, da comoção e da agitação”.<sup>128</sup> E só a angústia revelada no embate processual pode orientar as partes, sob a prudente condução de um *iudex* compromissado com a abertura, para a possibilidade de retorno ao coração do jurídico, onde

<sup>120</sup> - Gullar, Ferreira, *in* “A luta corporal”, RJ, Jose Olympio, 2006, p. 53.

<sup>121</sup> - Bachelard, Gaston, *in* “A psicanálise do fogo”, SP, Martins Fontes, 1994, pp. 119 e 120.

<sup>122</sup> - Jung, Carl-Gustav, *in* “Psicologia do inconsciente”, Petrópolis, Vozes, 2007, p. 39.

<sup>123</sup> “Começo não quer dizer início temporal apenas, mas ainda *ἀρχή*, origem ou fonte espiritual, a que sempre, seja qual for o grau de desenvolvimento, se tem de regressar para encontrar orientação” (Jaeger, Werner, *in* “Paidéia – a formação do homem grego”, SP, Martins Fontes, 1995, p. 5).

<sup>124</sup> “*Ἀρχήδε αγένητον*” (Platon, *in* “Phédre”, Paris, Les Belles Lettres, 1998, p. 54).

<sup>125</sup> - Heidegger, Martin, *in* “Parmênides”, Petrópolis, Vozes, 2008, p. 14.

<sup>126</sup> - Bonavides, Paulo, *in* “Curso de Direito Constitucional”, SP, Malheiros, 1998, p. 237.

<sup>127</sup> - Bonavides, Paulo, *in* “Curso de Direito Constitucional”, SP, Malheiros, 1998, p. 239.

<sup>128</sup> - Eckhart, *in* “O Livro da Divina Consolação e Outros Textos Seletos”, Petrópolis, Vozes, 1999, p. 68.

se aviva a lembrança de que, na origem, Justiça<sup>129</sup> é uma virtude cujo modo de ser se realiza na busca do bem dos outros. Não é verdade, sublinhava Rousseau,<sup>130</sup> “que os preceitos da lei natural estejam baseados unicamente na razão, pois eles têm uma base mais sólida e mais segura. O amor dos homens derivado do amor de si é o princípio da justiça humana”.<sup>131</sup> Direito é uma nebulosa de princípios fundamentais, coexistentes. E os princípios são os hormônios da experiência jurídica. Eles nascem das fibras do ser. O sentimento do *ius* é gerado e gestado na carne, antes de ganhar a luz do espírito. O primeiro conflito é no corpo, na luta corporal. “Os primeiros interesses psíquicos que deixam traços indeléveis são interesses orgânicos. A primeira convicção calorosa é um bem-estar corporal. É na carne, nos órgãos, que nascem as imagens materiais primordiais”.<sup>132</sup> E “longe vai o tempo”, dizia Pontes de Miranda, em que se atribuía ao cérebro todo o pensamento. O homem pensa com todo o seu ser”.<sup>133</sup> Os princípios vêm do fundo das entranhas, do estômago, da medula, dos rins, do pâncreas, circulam na veia, habitam o coração, com bálsimo ou com mel. Através deles, a estimativa penetra no pensamento jurídico, dando-lhe flexibilidade, maleabilidade, dando-lhe calor. Eles são os olhos noturnos da Justiça, que é cega para ver no escuro. E fazem curvas para conviver com outros princípios, assim como o corpo faz curvas para se unir ao corpo. As linhas, enfim, são tortas para que as histórias possam se encontrar (coincidências são linhas que incidem e que se cruzam no cruzamento). Curvilíneo, então, há de ser o metro que as meça, o que não tem medida (nem nunca terá).<sup>134</sup> O Direito é torto porque a vida é redonda.<sup>135</sup>

j) “A vida é sobrenatural”<sup>136</sup>: “todas as vidas são heróicas”<sup>137</sup>: “a vida de cada pessoa é inacreditável”:<sup>138</sup>

“(...) mas estou tentando escrever (...) com o corpo todo, enviando uma seta que se finca no ponto tenro e nevrálgico da palavra (...) Sim, quero a palavra última que também é tão primeira que já se confunde com a parte intangível do real (...) Não quero perguntar por que, pode-se perguntar sempre por que e sempre continuar sem resposta: será que consigo me entregar ao expectante silêncio que se segue a uma pergunta sem resposta? Embora adivinhe que em algum lugar ou em algum tempo existe a grande resposta para mim (...).” Clarice Lispector<sup>139</sup>

<sup>129</sup> “(...) de todas as virtudes a justiça é a que mais concorre para o bem comum dos homens (...)" (Rousseau, Jean-Jacques, in “Emílio ou da Educação”, SP, Martins Fontes, 1995, p. 336).

<sup>130</sup> - Rousseau, Jean-Jacques, in “Emílio ou da Educação”, SP, Martins Fontes, 1995, p. 308.

<sup>131</sup> - Rousseau, Jean-Jacques, in “Emílio ou da Educação”, SP, Martins Fontes, 1995, p. 380.

<sup>132</sup> - Bachelard, Gaston, in “Água e sonhos”, SP, Martins Fontes, 2002, p. 9.

<sup>133</sup> - Pontes de Miranda, Francisco Cavalcanti, in “Comentários à Constituição de 1967, com a Emenda nº 1, de 1969”, RT, SP, 1970, t. I, p. 151.

<sup>134</sup> “(...) como medir

o cheiro

da tangerina

que é

clarão

na boca e sonho

na floresta?

como?” (Gullar, Ferreira, in “Barulhos”, RJ, José Olympio, 2006, p. 84).

<sup>135</sup> “Assim, sem comentário, Van Gogh escreveu: ‘Provavelmente, a vida é redonda’. E Jöe Bousquet, sem ter conhecimento da frase de Van Gogh, escreve: ‘Disseram-lhe que a vida era bela. Não! A vida é redonda’ (Bachelard, Gaston, in “A poética do espaço”, SP, Martins Fontes, 2008, p. 237).

<sup>136</sup> - Lispector, Clarice, in “Água viva”, RJ, Rocco, 1998, p. 27.

<sup>137</sup> - Lispector, Clarice, in “Água viva”, RJ, Rocco, 1998, p. 61.

<sup>138</sup> - Lispector, Clarice, in “Um sopro de vida – pulsações”, RJ, Rocco, 1999, p. 103.

<sup>139</sup> - Lispector, Clarice, in “Água viva”, RJ, Rocco, 1998, pp. 12, 13 e 14.

Eu escrevo como quem lança uma mensagem na garrafa ao mar  
que irá dar ao seu lugar  
no tempo que levar

Tortas são as linhas que o Fado tece, entretece e destece, enredando histórias – *bounded to each other* – dentro de histórias ao lado de histórias em cima de histórias debaixo de histórias atrás de histórias em busca de histórias para novas histórias de velhas histórias, que, tais como a oscilação das marés, e de tudo quanto pertence ao ciclo do infinito, no seu eterno retorno,<sup>140</sup> vão e voltam, esquentam e esfriam, apertam e afrouxam, aquietam e desassossegam, submergem e retornam à tona, passageiras, no passar, intensas, no ensinar, e eternas, no transformar. Mas nenhuma história está dentro de outra história ao lado de outra história (...) como ela está dentro de si mesma. E toda história é feita de coração. E todo coração esconde um segredo. E todo segredo fica guardado num cofre noturno. E todo cofre noturno quer se abrir na luz do dia. Toda vida é sobrenatural, heróica e inacreditável. Todo mundo vive seu próprio mito. “Prisão seria seguir um destino que não fosse o próprio”<sup>141</sup> E a história do *self* é, dentre todos, o mais radioso mito. A síntese é obra de *Éros*: reunir Rei e Rainha, *animus* e *anima*, *cogito* e imaginação, jagunço e bailarina, pescador e sereia. *Éros* aglutina, multiplica, muda e corta a sequência: “*il n'a jamais jamais connu de lois*”<sup>142</sup> Mas *Éros*, força geratriz, tensão por um triz, menino aprendiz, também é uma preparação, uma peregrinação. A busca dentro da busca, redentora, sozinha, no escuro. *Éros* precisa colher a flor de ouro. Precisa (re)encontrar(-se em) *Psyché*. Precisa transformar-se em Amor e ganhar a alegria<sup>143</sup> da liberdade<sup>144</sup> nas bodas olímpicas. Corpo quer Alma.<sup>145</sup> *Éros* e *Psyché*: encontro, individuação, palingenesia. *Éros* e *Psyché*: “amar, depois de perder”.<sup>146</sup> Fecha a tampa; rói a corda; rompe o lacre; quebra a fôrma; gira a roda, jangada ao mar ... A linha é torta, mas torta, encantada e bela, depois que os olhos brilharam ... *Je repars à zero? I'll send an SOS to the world ...*

Homem,  
o teu bordão escuta:  
o que te move é a busca  
o que te molda é a luta  
segue a tua estrela  
vive a tua história  
bebe o teu mito na justa!  
abençoada seja a taça que quer transbordar  
e benditas sejam todas as coisas sem explicação!

<sup>140</sup> “Tudo vai, tudo volta; eternamente gira a roda do ser. Tudo morre, tudo refloresce, eternamente transcorre o ano do ser. Tudo se desfaz, tudo é refeito; eternamente constrói-se a mesma casa do ser. Tudo separa-se, tudo volta a encontrar-se; eternamente fiel a si mesmo permanece o anel do ser. Em cada instante começa o ser; em torno de todo o ‘aqui’ rola a bola ‘acolá’. O meio está em toda a parte. Curvo é o caminho da eternidade” (Nietzsche, Friedrich, in “Assim falou Zaratustra”, RJ, Civ. brasileira, 1998, pp. 259 e 260).

<sup>141</sup>- Lispector, Clarice, in “A descoberto do mundo”, RJ, Rocco, 1999, p. 140.

<sup>142</sup> Bizet, Georges, in “*L'amour est un oiseau rebelle*”.

<sup>143</sup> “A minha única salvação é a alegria. Uma alegria atonal do *it* essencial (...) Viver é isto: a alegria do *it*. E conformar-me não como vencida mas num *allegro* com *brio*” (Lispector, Clarice, in “Água viva”, RJ, Rocco, 2001, p. 85).

<sup>144</sup> “(...) and freedom is joy, efficiency, and abandon in the face of any odds. That is the last lesson. It is always left for the very last moment, for the moment of ultimate solitude when a man faces his death and his aloneness. Only then does it make sense” (Castaneda, Carlos, in “Tales of power”, NY, Pocket Books, 1976, p. 294).

<sup>145</sup> “Lóri, disse Ulisses, e de repente pareceu grave embora falasse tranquilo, Lóri: uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que meu deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida. Foi apesar de que parei na rua e fiquei olhando para você enquanto você esperava um táxi. E desde logo desejando você, esse teu corpo que nem sequer é bonito, mas é o corpo que eu quero. Mas quero inteira, com a alma também. Por isso, não faz mal que você não venha (...)” (Lispector, Clarice, in “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”, RJ, Rocco, 1998, p. 26).

<sup>146</sup>- Drummond, Carlos, in “Claro enigma”, RJ, Companhia das Letras, 2012, p. 89.